



UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

PATRICK HENRIQUE FERNANDO DE SOUZA

**O ENSINO DO FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA AFA ESPORTE**

VITÓRIA

2025

PATRICK HENRIQUE FERNANDO DE SOUZA

**O ENSINO DO FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA AFA ESPORTE**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Educação Física na Universidade
Federal do Espírito Santo, como
requisito parcial para conclusão do
curso.

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira

**VITÓRIA
2025**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência como estagiário na escolinha de futsal AFA (Airton, Fábio e Alexandre), no núcleo localizado na Escola Múltipla, no bairro Barcelona, município da Serra - ES. A AFA Esporte também atua em outros núcleos, como o Colégio Renovação e a Escola Ludovico Pavoni. O estágio foi realizado entre junho de 2023 e maio de 2025, com crianças de 5 a 12 anos, vivenciando práticas pedagógicas voltadas ao ensino do futsal. A escolinha tem como proposta a iniciação esportiva ao futsal para alunos da escola, promovendo treinos, jogos amistosos e participações em torneios e campeonatos ao longo do ano.

Palavras-chave: Futsal; Educação Física Escolar; Estágio Supervisionado; Iniciação Esportiva; Prática Pedagógica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVO	5
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
3.1 A INICIAÇÃO ESPORTIVA NO CONTEXTO ESCOLAR	6
3.2 O FUTSAL COMO ABORDAGEM PEDAGOGICA	7
3.3 MODELOS PEDAGOGICOS APLICADOS AO FUTSAL	9
4. METODOLOGIA	11
4.1 RELATO DAS PROPOSTAS PEDAGOGICAS	11
5. RELATO.....	14
5.1 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DAS AULAS.....	15
5.2 ATIVIDADES FEITAS.....	16
5.3 O PAPEL DO LUDICO E DA AFEITIVIDADE	19
5.4 APRENDIZAGENS E DESAFIOS.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

O relato de experiência é uma modalidade de produção acadêmica que descreve e analisa vivências em contextos profissionais ou formativos, com o objetivo de compartilhar conhecimentos práticos e reflexões teóricas. Essa abordagem é especialmente relevante em áreas como Educação, Saúde, Serviço Social e Psicologia, onde a prática está intrinsecamente ligada à formação teórica. Segundo **Daltro e Faria (2019)**, o relato de experiência é uma narrativa científica que permite a construção do conhecimento a partir da vivência, integrando teoria e prática de forma reflexiva.

No campo da Educação Física escolar, o futsal é uma modalidade amplamente praticada no Brasil, sendo incorporado às aulas com o intuito de desenvolver habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Além dos aspectos técnicos, o esporte também promove valores como respeito, cooperação e disciplina. De acordo com **Silva e Faria (2018)**, o futsal contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, estimulando a convivência, o trabalho em equipe e a tomada de decisão em situações reais de jogo.

Paes (2001) ressalta que a iniciação esportiva deve respeitar as fases do desenvolvimento infantil, proporcionando experiências prazerosas e educativas. **Crochela e Ramos (2020)** também destacam o futsal como uma ferramenta pedagógica eficaz, que favorece o aprendizado ativo e a reflexão crítica sobre a prática esportiva.

Dentro dessa perspectiva, **Bunker e Thorpe (1982)** propuseram o modelo *Teaching Games for Understanding* (TGFU), que valoriza a compreensão do jogo, a tomada de decisão e o raciocínio tático, em contraste com o ensino tradicional centrado na repetição técnica. Ainda que esse modelo não seja formalmente adotado por todas as instituições, muitos de seus princípios aparecem implicitamente em práticas que valorizam o jogo, o raciocínio e a participação dos alunos, como foi observado durante o estágio.

A escolha pelo futsal infantil como foco deste relato se justifica por sua relevância pedagógica e pelo forte engajamento das crianças com a modalidade, possibilitando experiências significativas para a formação profissional do futuro professor de Educação Física.

2. OBJETIVO

Este relato tem como objetivo refletir sobre a experiência de estágio vivenciada no núcleo da AFA Esporte, localizado na Escola Múltipla, em Barcelona – Serra/ES, no contexto das aulas de futsal infantil. Busca-se integrar os saberes teóricos adquiridos durante a formação acadêmica com as práticas observadas em campo, analisando metodologias utilizadas e os impactos pedagógicos no desenvolvimento das crianças.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A iniciação esportiva no contexto escolar

A iniciação esportiva no ambiente escolar deve ser compreendida como um processo pedagógico voltado à formação global da criança, e não apenas como meio de reprodução técnica de movimentos esportivos. Mais do que ensinar fundamentos específicos de modalidades, a escola deve oferecer experiências motoras variadas, lúdicas e significativas, promovendo o desenvolvimento físico, cognitivo, social e afetivo dos estudantes. Nesse sentido, a iniciação esportiva se configura como uma etapa fundamental para a formação do sujeito, por meio da qual ele entra em contato com o universo do esporte de forma prazerosa, educativa e respeitosa às suas características de desenvolvimento.

Segundo **Bettega et al. (2015)**, a iniciação esportiva é o momento em que as crianças devem vivenciar uma grande diversidade de experiências motoras, em atividades que envolvam desafios, descobertas e superações. O foco, portanto, não deve estar no rendimento, mas sim no prazer pela prática, no desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais e na valorização das relações interpessoais. A escola, por sua natureza, é o espaço ideal para

garantir esse tipo de formação, pois oferece uma prática esportiva vinculada aos princípios pedagógicos, com objetivos educativos bem definidos.

Para **Paes (2001)**, a iniciação esportiva deve respeitar as fases do desenvolvimento infantil, oferecendo atividades adequadas à idade e ao nível de maturação dos alunos. Isso implica, por exemplo, adaptar regras, espaços e materiais às necessidades das crianças, garantindo que todos possam participar ativamente, independentemente de seu nível de habilidade. Quando bem conduzido, esse processo favorece o desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e da cooperação, aspectos fundamentais na formação do sujeito.

Outro ponto importante da iniciação esportiva escolar é sua relação com a ludicidade. Conforme argumenta **Freire (2003)**, o jogo é um poderoso mediador da aprendizagem na infância, pois permite que a criança explore o mundo ao seu redor de forma espontânea e motivadora. O brincar, portanto, não é apenas um meio de diversão, mas um instrumento pedagógico que promove o desenvolvimento integral e respeita o tempo da criança. Quando inserido no contexto do ensino do esporte, o lúdico torna a prática mais envolvente e significativa, estimulando a participação ativa dos alunos e o interesse pelas aulas de Educação Física.

A iniciação esportiva, portanto, deve estar alinhada a uma perspectiva pedagógica que valorize o sujeito em sua totalidade. Isso significa promover vivências corporais diversificadas, que possibilitem o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências, e não apenas a especialização precoce em uma modalidade esportiva. Nesse sentido, **Galatti et al. (2011)** defendem que o processo de iniciação deve rejeitar a lógica do rendimento e da competição excessiva, promovendo múltiplas experiências motoras que respeitem o ritmo de aprendizagem de cada criança e contribuam para sua formação cidadã.

É importante destacar que a Educação Física escolar tem um papel essencial nesse processo, pois é por meio dela que muitos alunos têm o primeiro contato com práticas esportivas organizadas. Dessa forma, o professor de Educação

Física deve atuar como mediador desse processo, planejando aulas que não apenas ensinem técnicas, mas que estimulem o pensamento crítico, a convivência ética e o respeito às diferenças. A Educação Física escolar tem papel essencial nesse processo, atuando como mediadora do desenvolvimento integral, estimulando pensamento crítico, convivência ética e respeito às diferenças (**Kunz, 1991**).

Portanto, a iniciação esportiva no contexto escolar deve ser entendida como uma prática intencionalmente educativa, capaz de promover a formação integral dos estudantes, fortalecendo suas dimensões física, cognitiva, social e afetiva. Através de atividades prazerosas, inclusivas e pedagogicamente orientadas, o esporte pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos e participativos.

3.2 O futsal como abordagem pedagógica

O futsal, por ser uma das modalidades esportivas mais populares no Brasil, especialmente entre crianças e adolescentes, torna-se uma ferramenta pedagógica altamente eficaz no ambiente escolar. Sua dinamicidade, acessibilidade e caráter coletivo possibilitam a criação de contextos ricos em aprendizagem, que vão além da técnica e tática esportiva, promovendo o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e afetivas (**Silva e Faria, 2018; Crochela e Ramos, 2020**).

O futsal nas escolas contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, pois envolve aspectos motores, emocionais e sociais ao mesmo tempo. Ao participar de jogos e atividades relacionadas à modalidade, os alunos aprendem a lidar com regras, a trabalhar em equipe, a tomar decisões sob pressão e a respeitar adversários e colegas. Tais elementos são essenciais para a formação de cidadãos mais conscientes e cooperativos.

Outro aspecto importante é a familiaridade que muitas crianças têm com o futsal antes mesmo da vida escolar. Esse fator facilita o engajamento nas aulas de Educação Física, tornando o processo de ensino mais fluido e atrativo. A

utilização do futsal como conteúdo pedagógico oportuniza o resgate de saberes prévios dos alunos e estimula a construção coletiva de novos conhecimentos, respeitando suas vivências e valorizando sua cultura corporal.

O futsal também permite que os professores desenvolvam atividades que estimulem diferentes aspectos da aprendizagem. Do ponto de vista motor, a modalidade exige deslocamentos rápidos, trocas de direção, controle de bola, passes e finalizações, habilidades que contribuem para o aprimoramento da coordenação, agilidade e equilíbrio. Do ponto de vista cognitivo, o jogo demanda atenção, leitura de jogo, tomada de decisão e antecipação de movimentos, promovendo o raciocínio tático e estratégico dos alunos.

De acordo com Crochela e Ramos (2020), o futsal pode ser utilizado como instrumento para desenvolver uma aprendizagem mais ativa, crítica e reflexiva. Quando bem planejado, o ensino do futsal ultrapassa a simples reprodução de gestos técnicos, permitindo aos alunos compreenderem os porquês das ações em jogo, refletirem sobre suas decisões e aprenderem com as situações vividas durante as partidas. Assim, o esporte torna-se um meio para alcançar objetivos educacionais mais amplos.

Ainda nesse contexto, é importante considerar o papel da afetividade nas aulas de futsal. A construção de vínculos entre professor e aluno, o respeito mútuo e o ambiente acolhedor são elementos fundamentais para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma significativa. O futsal permite desenvolver habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas, estimulando o raciocínio tático, a tomada de decisão, a cooperação e o respeito às regras. A afetividade nas aulas é um elemento chave, influenciando diretamente a motivação e o engajamento dos alunos (**Oliveira e Darido, 2011**).

O trabalho com o futsal no contexto escolar, portanto, deve ser orientado por princípios pedagógicos que valorizem a inclusão, o respeito às diferenças, a ludicidade e o protagonismo dos alunos. Cabe ao professor planejar situações de ensino que atendam às necessidades de todos os estudantes, adaptando

atividades, incentivando a participação e promovendo a construção coletiva do conhecimento esportivo.

Em resumo, o futsal é uma modalidade esportiva que, quando utilizada com intencionalidade pedagógica, torna-se uma potente ferramenta educativa. Além de favorecer o desenvolvimento físico e técnico dos alunos, contribui para a formação de valores, para o fortalecimento das relações interpessoais e para a construção de aprendizagens significativas e duradouras no ambiente escolar.

3.3 Modelos pedagógicos aplicados ao futsal

A forma como o conteúdo esportivo é abordado nas aulas de Educação Física influencia diretamente o engajamento dos alunos, o significado atribuído às práticas corporais e os aprendizados construídos ao longo do tempo. No ensino do futsal, diversas abordagens pedagógicas podem ser utilizadas, e entre elas destaca-se o modelo TGFU, que propõe uma mudança de foco do ensino técnico tradicional para uma aprendizagem centrada na compreensão do jogo e no raciocínio tático.

O TGFU foi desenvolvido por Bunker e Thorpe (1982), a partir da crítica ao ensino tradicional do esporte, caracterizado pelo excesso de repetição de gestos técnicos descontextualizados, o que frequentemente levava à perda de interesse por parte dos alunos e à baixa transferência dos aprendizados para situações reais de jogo. Em contraposição a essa abordagem tecnicista, o TGFU propõe uma metodologia baseada na resolução de problemas, na tomada de decisão e na compreensão das estruturas do jogo, partindo do jogo para a técnica — e não o contrário.

De acordo com esse modelo, o ensino do futsal deve ser organizado a partir de jogos adaptados e atividades situacionais que estimulem o aluno a pensar sobre o que está fazendo, por que está fazendo e quais as consequências de suas escolhas. Isso permite que os estudantes desenvolvam não apenas habilidades técnicas, mas também competências táticas, cognitivas e sociais, fundamentais para uma prática esportiva mais consciente e significativa.

Além disso, o TGFU valoriza a participação ativa dos alunos, promovendo o protagonismo e a reflexão crítica. As atividades são organizadas de forma a apresentar desafios que exigem cooperação, criatividade e adaptação, respeitando o nível de desenvolvimento de cada aluno e favorecendo o aprendizado coletivo. Essa abordagem está em consonância com os princípios defendidos por autores como Freire (2003) e Kunz (1991), que defendem uma prática pedagógica dialógica, crítica e transformadora.

Embora o TGFU ainda não seja amplamente implementado nas escolas brasileiras de forma sistematizada, muitos de seus princípios aparecem de forma implícita em aulas que priorizam a ludicidade, a coletividade e a compreensão do jogo. Durante a experiência de estágio na AFA Esporte, foi possível observar estratégias que dialogam com esse modelo, como o uso de jogos reduzidos, atividades que simulavam situações reais de jogo e momentos de conversa e reflexão com os alunos após as atividades. Essas práticas contribuíram para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, que passaram a entender melhor as regras, os posicionamentos e as tomadas de decisão durante as partidas.

Além do TGFU, outras abordagens pedagógicas também podem ser utilizadas no ensino do futsal, como o modelo construtivista, que valoriza a interação entre os alunos e a construção coletiva do conhecimento; o modelo de competências, que foca na formação de sujeitos capazes de agir de forma eficaz em diferentes contextos; e o modelo crítico-emancipatório, que propõe uma Educação Física voltada à formação cidadã, à reflexão sobre a cultura corporal e à transformação social (**Kunz,1991**).

Esses modelos não são excludentes entre si, e o professor pode (e deve) integrá-los em sua prática, de acordo com os objetivos da aula, o perfil da turma e os conteúdos trabalhados. O mais importante é que o ensino do futsal esteja fundamentado em princípios pedagógicos que promovam a aprendizagem significativa, a inclusão, o desenvolvimento integral dos alunos e a formação de valores.

Assim, os modelos pedagógicos aplicados ao futsal representam um importante recurso para qualificar o ensino dessa modalidade no ambiente escolar. Quando utilizados de forma consciente e contextualizada, contribuem para tornar as aulas mais atrativas, formativas e alinhadas às reais necessidades dos estudantes, favorecendo a construção de uma prática esportiva mais crítica, participativa e humanizadora.

4. METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência, modalidade de pesquisa de natureza qualitativa que visa compartilhar vivências e reflexões provenientes de contextos reais de atuação profissional ou formativa. Conforme Daltro e Faria (2019), o relato de experiência é uma construção científica que permite analisar criticamente práticas vividas, estabelecendo articulações entre teoria e prática. Assim, esta pesquisa não se propõe à generalização dos dados, mas sim à construção de sentido e à compreensão de um processo educativo a partir da observação participante e da vivência do estágio supervisionado.

A experiência relatada foi desenvolvida ao longo do ano de 2023, como parte das atividades curriculares do estágio supervisionado em Educação Física, componente obrigatório do curso de licenciatura. O estágio foi realizado no núcleo da AFA Esporte localizado na Escola Múltipla, no bairro Barcelona, município de Serra – Espírito Santo. A AFA Esporte é uma instituição fundada em 1997, que atua com crianças e adolescentes em escolinhas esportivas com foco na formação integral, por meio de modalidades como futsal, vôlei, basquete, balé e handebol.

4.1 Relato das propostas pedagógicas

O núcleo da Escola Múltipla atende crianças de 5 a 12 anos, organizadas em turmas conforme a faixa etária e/ou o nível de desenvolvimento. Durante o estágio, foram acompanhadas quatro turmas de futsal, distribuídas em dois dias da semana: duas às segundas e quartas-feiras, e duas às terças e quintas-

feiras. Cada aula teve duração média de uma hora, com propostas adaptadas à faixa etária dos alunos. As turmas menores (5 a 7 anos) realizaram atividades mais lúdicas e voltadas ao desenvolvimento das habilidades motoras básicas, enquanto as turmas maiores (8 a 12 anos) realizaram atividades técnicas, jogos e situações de finalização.

A metodologia das aulas observadas baseava-se em uma progressão pedagógica, na qual os conteúdos eram organizados de forma a respeitar as etapas do desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. De acordo com o professor responsável pelas turmas, “uso uma abordagem partindo do princípio da idade e nível de maturação da criança. Começo com exercícios mais simples e vou progredindo de acordo com a evolução do aluno. Me utilizo de circuito, brincadeiras, etc.”. Essa prática evidencia uma preocupação com a diferenciação pedagógica, respeitando o desenvolvimento individual de cada aluno. Tal concepção está de acordo com os princípios da iniciação esportiva, que, segundo Bettega (2007), deve ser adaptada ao ritmo e às necessidades das crianças, priorizando a ludicidade e o prazer pela prática.

No que se refere à adaptação das atividades para diferentes faixas etárias, o professor destaca que “praticamente uso a mesma atividade com diversas idades, desde 7 anos até os 12 anos. Uso a progressão de dificuldade como adaptação”, demonstrando uma estratégia de complexificação dos desafios propostos em vez da mudança total de conteúdo. Essa ideia encontra respaldo em Kunz (2010), que defende a pedagogia do esporte centrada nos sujeitos, utilizando-se de diferentes níveis de complexidade para contemplar a diversidade presente nas aulas.

Elementos da psicomotricidade, como lateralidade, equilíbrio e coordenação, foram constantemente estimulados, principalmente por meio de jogos e brincadeiras que integravam os fundamentos técnicos do futsal. “Uso bastante brincadeiras e jogos para trabalhar a psicomotricidade das crianças dentro do futsal”, reforça o professor. A psicomotricidade é fundamental na educação física infantil, pois favorece o desenvolvimento global da criança, como

destacam Fonseca (1999) e Oliveira (2003), ao integrar movimento, emoção e cognição.

A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante, registros em diário de campo, conversas informais com os professores e reflexões escritas ao final de cada aula. Esses procedimentos possibilitaram a construção de uma análise crítica sobre as práticas pedagógicas adotadas no local, bem como a identificação de elementos teóricos presentes nas ações desenvolvidas. As entrevistas com o professor também contribuíram para o aprofundamento da compreensão sobre o planejamento e a condução das aulas.

Foi possível perceber que o futsal é trabalhado não apenas como conteúdo esportivo, mas como instrumento de formação integral. Segundo o professor, o esporte contribui de diversas formas para o desenvolvimento social dos alunos: “trabalho em equipe, resolução de situações, respeito à sua equipe e ao adversário”, apontando a relevância da modalidade para o desenvolvimento de valores como respeito, cooperação e disciplina. Essa perspectiva encontra respaldo em Bracht (1999), que propõe a ressignificação do esporte na escola como uma prática formativa e cultural, voltada à cidadania.

A dimensão afetiva e social também é considerada, principalmente no que se refere à inclusão de alunos com diferentes níveis de habilidade. O professor menciona que adapta situações de jogo para promover a equidade: “dentro do que chamamos de coletivo, que é um jogo de futsal adaptado para as idades, coloco limitações individuais para alunos com uma maturação acima do normal, para que se enquadre e inclua os outros”. Essa estratégia condiz com os princípios da pedagogia inclusiva no esporte, que, conforme Darido e Rangel (2005), valoriza o respeito às diferenças e a participação de todos os alunos.

A avaliação dos alunos é conduzida de forma contínua e formativa, observando os aspectos técnicos, motores e socioafetivos ao longo das aulas. “Utilizamos uma avaliação formativa, dentro dos treinos e jogos propostos”, afirma o professor. A avaliação formativa, segundo Luckesi (2011), permite o acompanhamento constante do processo de aprendizagem, contribuindo para

intervenções pedagógicas mais eficazes e respeitosas com o ritmo de cada criança.

A análise dos dados seguiu uma abordagem descritiva e reflexiva, com base na literatura científica sobre iniciação esportiva, futsal escolar e modelos pedagógicos. Os relatos foram organizados de forma cronológica e temática, buscando evidenciar os momentos mais significativos da experiência e sua relação com os referenciais teóricos que embasam a prática pedagógica no ensino do esporte. Um exemplo marcante citado pelo professor foi o progresso de um aluno que iniciou sem qualquer domínio dos fundamentos básicos do futsal e, com o tempo, passou a apresentar grande evolução técnica. Esse tipo de progresso reforça a importância de um planejamento pedagógico consciente e flexível, como apontam Ferreira Neto (1999) e Galatti et al. (2014), que defendem o papel do professor como mediador do processo de aprendizagem esportiva.

Em relação ao planejamento pedagógico, o professor mencionou que revisita e adapta os conteúdos de forma quinzenal ou mensal, de acordo com as necessidades e progresso das turmas. Por fim, destacou um dos principais desafios da iniciação esportiva com crianças pequenas: “o desafio mais importante é você não ultrapassar a linha que separa a criança do atleta. Não podemos esquecer que são crianças e temos que cobrar de acordo. Se ultrapassarmos essa linha, podemos prejudicar a infância dessa criança”. Essa reflexão encontra eco nos estudos de Scaglia (2003), que alerta para os perigos da especialização precoce e da pressão por desempenho em fases iniciais do desenvolvimento esportivo.

Portanto, esta metodologia permitiu que a vivência do estágio fosse compreendida para além do cotidiano escolar, funcionando como espaço de aprendizagem profissional, construção identitária e aprofundamento teórico-prático, fundamentais para a formação crítica e reflexiva do futuro professor de Educação Física.

5. RELATO

Retornar à Escola Múltipla como estagiário da AFA Esporte, local onde anteriormente fui aluno, foi uma experiência marcante e repleta de significados. Vivenciar esse reencontro com o espaço escolar a partir de uma nova perspectiva, agora como educador em formação, possibilitou reflexões profundas sobre o papel do professor, o processo de ensino e o olhar pedagógico necessário para atuar com crianças em fase de iniciação esportiva.

Minha trajetória com o futsal iniciou-se entre os 8 e 10 anos, justamente nesse mesmo espaço, em um momento da vida em que a prática esportiva era apenas lazer e diversão. O retorno, aos 18 anos, ocorreu em um novo papel, que exigia mais responsabilidade, consciência e sensibilidade para lidar com as necessidades e os ritmos de aprendizagem dos alunos. A transição de aluno para estagiário permitiu compreender a complexidade do trabalho docente e a importância da mediação pedagógica para além da técnica, considerando também aspectos emocionais, sociais e éticos do ensino.

Esse processo de ressignificação da vivência com o esporte e com o espaço educativo contribuiu diretamente para minha formação profissional, estimulando o desenvolvimento de competências como escuta, paciência, observação e planejamento. Além disso, fortaleceu meu compromisso com uma prática pedagógica crítica e acolhedora, alinhada aos princípios da Educação Física escolar contemporânea.

5.1 Organização e estrutura das aulas

Durante o estágio, observei e participei de aulas de futsal estruturadas de forma sistemática, com organização didática adaptada à faixa etária e ao nível de desenvolvimento dos alunos. As turmas estavam divididas entre os dias da semana: duas aulas às segundas e quartas-feiras, e duas às terças e quintas-feiras, sempre com duração de uma hora.

As turmas menores (5 a 7 anos) seguiam uma dinâmica composta por três momentos principais: aquecimento com atividades lúdicas, desenvolvimento de

jogos adaptados e, por fim, atividades de finalização ao gol. Já as turmas maiores (8 a 12 anos) contavam com um planejamento mais técnico, incluindo o desenvolvimento de fundamentos específicos (passe, condução, domínio, chute), exercícios com e sem bola e jogos coletivos ao final da aula. O segundo dia da semana era normalmente reservado à prática do jogo coletivo, com foco em situações de jogo real e cobranças de pênalti, o que, além de desenvolver a parte técnica, mobilizava emoções, tomadas de decisão e cooperação.

Essa estrutura progressiva de ensino demonstra a aplicação prática de uma metodologia adaptada, que respeita os estágios do desenvolvimento infantil. O professor responsável destacou que utiliza “uma abordagem partindo do princípio da idade e nível de maturação da criança. Começo com exercícios mais simples e vou progredindo de acordo com a evolução do aluno. Me utilizo de circuito, brincadeiras, etc.”. Essa perspectiva revela um equilíbrio entre os fundamentos técnicos e o aspecto lúdico da aprendizagem, fundamental no ensino do futsal para crianças.

Com relação à diferenciação de atividades entre faixas etárias, o professor relatou que “praticamente uso a mesma atividade com diversas idades, desde 7 anos até os 12 anos. Uso a progressão de dificuldade como adaptação”. Essa prática permitia manter a estrutura das aulas, ao mesmo tempo que ajustava os níveis de exigência conforme o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos.

Tani et al. (1988) apontam que a organização das atividades motoras deve considerar a variabilidade de estímulos para favorecer o desenvolvimento do repertório motor das crianças, o que foi claramente observado nas aulas da AFA Esporte. Elementos como lateralidade, equilíbrio e coordenação foram frequentemente trabalhados por meio de jogos e atividades psicomotoras. Segundo o professor, “uso bastante brincadeiras e jogos para trabalhar a psicomotricidade das crianças dentro do futsal”.

5.2 Atividades feitas

Durante o estágio supervisionado, foram acompanhadas aulas de futsal com crianças de 5 a 12 anos, organizadas em duas faixas etárias distintas: de 5 a 7 anos e de 8 a 12 anos. As atividades propostas foram planejadas com base no desenvolvimento psicomotor, nas capacidades coordenativas e nos aspectos técnicos e lúdicos apropriados a cada faixa etária, de acordo com os princípios da pedagogia do esporte.

Nas turmas menores, com crianças de 5 a 7 anos, o foco principal esteve no desenvolvimento do equilíbrio, lateralidade, coordenação motora, agilidade e consciência corporal. De acordo com Gallahue e Ozmun (2005), nesta fase da infância, o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais deve ser estimulado por meio de atividades lúdicas e diversificadas, que proporcionem experiências corporais variadas.

Uma das atividades realizadas foi o “ziguezague com cones”, onde as crianças percorriam um trajeto estabelecido com cones, correndo em ziguezague até o outro lado da quadra e retornando. Essa atividade favorece a agilidade, a percepção espacial e a coordenação. Em “Troca de lado”, os alunos permaneciam organizados em fila, atentos ao comando do professor sobre a direção (direita ou esquerda), promovendo a lateralidade e a atenção. Já a “Corrida dos animais com bola” incentivava a imaginação e a criatividade, enquanto desenvolvia a condução da bola de maneira adaptada às possibilidades motoras dos alunos, favorecendo o controle motor de forma lúdica.

A atividade “Bate e foge com bola”, adaptada do tradicional “pique-gelo”, visava à socialização e ao raciocínio motor, permitindo que as crianças compreendessem e respeitassem regras simples. O “Caminho mágico” foi utilizado como circuito psicomotor, utilizando cones, bambolês e obstáculos, para desenvolver habilidades como condução da bola com os pés e deslocamentos diversos. A “Mímica com bola” explorava a imitação de gestos do professor com diferentes segmentos corporais, incentivando a coordenação global e a consciência corporal, conforme defendido por Bettge (2007), que

destaca a importância de vivências significativas para a construção da motricidade infantil.

Para as turmas maiores, com crianças de 8 a 12 anos, as atividades passaram a incorporar desafios técnicos e cognitivos mais complexos, ainda que mantendo elementos lúdicos em menor escala. Segundo Bracht (1999), nesta fase o esporte pode ser trabalhado de maneira formativa, sem se distanciar do prazer pelo jogo, mas já com introdução de aspectos táticos e técnicos mais elaborados.

No “Desafio dos pés opostos”, as crianças conduziam a bola com o pé não dominante, promovendo o desenvolvimento bilateral e o controle motor refinado. No “Circuito Técnico-Psicomotor”, utilizando escadas de agilidade, cones e obstáculos, os alunos executavam dribles alternados, mudanças de direção e finalizações. Essas tarefas integram elementos técnicos do futsal com o aprimoramento das capacidades coordenativas, conforme proposta de Seabra e Galatti (2014) sobre a iniciação esportiva baseada em desafios progressivos.

O “Jogo da velha adaptado” promoveu a tomada de decisão e a finalização com objetivo, sendo necessário realizar o gol para que o aluno pudesse “marcar” no tabuleiro com seu colete. Já a “Cobra cega com bola”, que envolvia um aluno vendado guiando-se por sons, trabalhou a escuta ativa, a orientação espacial e a condução com controle, respeitando o princípio de imprevisibilidade que, segundo Greco e Benda (1998), é fundamental no ensino dos jogos esportivos coletivos.

Em ambas as faixas etárias, foram desenvolvidas atividades voltadas para os fundamentos do futsal como passe, condução e domínio da bola, organizadas em forma de estações com filas, permitindo o revezamento e o tempo de observação e descanso. Ao final de uma das aulas da semana, eram realizadas atividades de finalização, especialmente nas turmas maiores, e trabalhado o rodízio do futsal com o modelo 3x1, favorecendo a compreensão do jogo e a preparação para torneios.

No segundo dia da semana, a prática era conduzida majoritariamente por meio de jogos coletivos (coletivos livres ou orientados), e finalizava-se a aula com cobranças de pênaltis, permitindo momentos de vivência real do jogo, desenvolvendo aspectos emocionais, sociais e técnicos.

5.3 O papel do lúdico e da afetividade

Do ponto de vista pedagógico, um dos elementos mais marcantes nas aulas observadas foi o uso constante de atividades lúdicas. As brincadeiras inseridas nas etapas iniciais do treino não apenas aqueciam os alunos fisicamente, mas também criavam um clima leve, acolhedor e prazeroso para a prática. O jogo, nesse contexto, deixava de ser apenas um recurso técnico para tornar-se ferramenta educativa e mediadora do processo de aprendizagem.

Segundo Freire (2003), o lúdico tem papel essencial na aprendizagem infantil, pois respeita o tempo e os interesses das crianças, favorecendo o engajamento e a construção de sentido. Durante o estágio, foi evidente que os alunos esperavam com entusiasmo pelas aulas, demonstrando alegria, iniciativa e envolvimento nas atividades, o que evidencia o poder do lúdico como estratégia de ensino.

Outro fator relevante foi a afetividade nas relações entre professor e aluno. A escuta, o acolhimento e a valorização das falas das crianças criavam um ambiente de confiança, no qual era possível errar, aprender e tentar novamente sem julgamentos. Como destacam Oliveira e Darido (2011), a qualidade da relação afetiva entre educador e educando influencia diretamente a motivação e o desempenho dos alunos. O professor adotava estratégias de inclusão, por exemplo, ao adaptar as atividades do jogo coletivo para alunos com maturação técnica mais avançada: “coloco limitações individuais para alunos com uma maturação acima do normal, para que se enquadrem e incluam os outros”, relatou. Essa postura evidencia uma prática intencional voltada à equidade e ao fortalecimento do espírito de equipe.

O futsal também foi observado como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de valores sociais. “Trabalho em equipe, resolução de situações, respeito à sua equipe e ao adversário” foram alguns dos aspectos mencionados pelo professor como contribuições do esporte para a formação integral dos alunos, revelando um olhar que vai além do desenvolvimento motor e técnico.

5.4 Aprendizagens e desafios

O estágio proporcionou uma série de aprendizados que ultrapassam os conteúdos técnicos do futsal. Em primeiro lugar, foi possível compreender, na prática, o papel do professor como mediador do conhecimento e promotor de experiências significativas. Segundo **Freire (1996)**, o educador deve atuar como um facilitador do processo de aprendizagem, respeitando o saber do aluno e promovendo um ambiente dialógico. A construção de uma rotina pedagógica eficiente exige planejamento, sensibilidade e capacidade de adaptação, especialmente quando se trabalha com crianças pequenas (**Bracht, 2011**).

A avaliação dos alunos era realizada de forma contínua, com base em uma abordagem formativa. O professor relatou que “utilizamos uma avaliação formativa, dentro dos treinos e jogos propostos”, o que permitia acompanhar o progresso técnico, motor e sócio afetivo dos estudantes em suas vivências cotidianas, sem a necessidade de instrumentos avaliativos formais. Como destaca Luckesi (2011), a avaliação formativa deve ser compreendida como parte do processo de aprendizagem, voltada ao desenvolvimento do aluno e não à sua classificação.

Além disso, a observação constante possibilitava identificar avanços individuais. Um exemplo marcante citado pelo professor foi o de um aluno que “entrou na escolinha sem saber fazer nada do futsal, nenhum fundamento básico. E hoje é um dos que mais mostram evolução, quando se trata de fundamento técnico”. Isso demonstra a importância de considerar o tempo e o processo de cada aluno, aspecto também abordado por Vygotsky (1998), ao afirmar que o

desenvolvimento se dá em uma zona de desenvolvimento proximal, exigindo mediação adequada.

Outro aprendizado foi relacionado à necessidade de adaptar o planejamento pedagógico conforme a realidade das turmas. De acordo com o professor, as adaptações ocorrem “quinzenalmente ou mensalmente, dependendo da evolução da turma”, o que evidencia uma prática flexível e sensível às necessidades dos alunos. Para Darido e Rangel (2005), o planejamento pedagógico deve ser dinâmico, dialogando com as particularidades do grupo, promovendo o acesso de todos ao conhecimento.

Além disso, vivenciei desafios como lidar com turmas heterogêneas em termos de idade, habilidade motora e comportamento. Esse fator exigiu uma constante reflexão sobre estratégias de ensino inclusivas, que respeitassem o tempo de cada aluno e garantissem a participação de todos. Como defendem Cunha e Silva (2005), a Educação Física deve promover a inclusão por meio da valorização da diversidade e da adaptação das atividades à realidade dos alunos.

Também foi necessário desenvolver habilidades de comunicação, controle de grupo e resolução de conflitos, aspectos pouco discutidos nos conteúdos teóricos, mas essenciais no cotidiano escolar. Essas competências fazem parte do saber docente construído na prática, como enfatiza Tardif (2002), ao destacar que a formação do professor se dá na articulação entre o conhecimento acadêmico, prático e experiencial.

Um dos desafios mais sensíveis apontados pelo professor dizia respeito à linha tênue entre o esporte educativo e o esporte competitivo. “O desafio mais importante é você não ultrapassar a linha que separa a criança do atleta. Não podemos esquecer que são crianças e temos que cobrar de acordo. Se ultrapassarmos essa linha, podemos prejudicar a infância dessa criança”. Essa fala reforça a importância de uma prática pedagógica que respeite os direitos da infância e promova o desenvolvimento integral. Segundo Bettega (2007), a

iniciação esportiva deve priorizar o brincar, a ludicidade e a formação global da criança, evitando a especialização precoce e o excesso de cobranças.

Por fim, a experiência contribuiu para o amadurecimento da minha identidade profissional, ampliando minha visão sobre o papel social do professor de Educação Física. Ao integrar teoria e prática, vivenciei na prática o potencial transformador do esporte quando orientado por princípios educativos, críticos e humanizadores. Nesse sentido, a Educação Física escolar deve ser compreendida como um espaço de formação cidadã, pautada na emancipação e no respeito aos direitos humanos **(Bracht, 2011)**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar a experiência vivenciada no estágio supervisionado realizado no núcleo da AFA Esporte, localizado na Escola Múltipla, em Serra – ES, com foco no ensino do futsal na Educação Física escolar. A pesquisa configura-se como um relato de experiência, modalidade qualitativa que busca refletir criticamente sobre a prática educativa vivida, relacionando-a com fundamentos teóricos da iniciação esportiva, da pedagogia do esporte e da psicomotricidade. Durante o estágio, foram observadas quatro turmas de futsal, compostas por crianças de 5 a 12 anos, organizadas em aulas com duração de uma hora, duas vezes por semana. As atividades foram estruturadas de forma progressiva, respeitando a faixa etária e os níveis de desenvolvimento dos alunos, com forte presença de práticas lúdicas, fundamentos técnicos e jogos coletivos. O relato destaca a importância da afetividade no processo de ensino, o uso de modelos pedagógicos como o Teaching Games for Understanding (TGfU) e o papel do jogo como elemento central da aprendizagem. A experiência permitiu compreender os desafios e potencialidades do ensino do esporte no ambiente escolar, contribuindo para a formação crítica e profissional do futuro professor de Educação Física. Ao integrar teoria e prática, o estágio evidenciou a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize o desenvolvimento integral, a inclusão e a construção de valores por meio da prática esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTEGA, O. B. *Iniciação esportiva: um jogo de sedução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- BETTEGA, O. B.; NOGUEIRA, F. F.; MORAIS, F. M. A iniciação esportiva no ambiente escolar: aspectos pedagógicos e metodológicos. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 1, n. 1, 2015.
- BRACHT, V. A reestruturação das aulas de Educação Física: o esporte como conteúdo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 9–20, jan. 1999.
- BRACHT, V. *Educação Física escolar: a reconstrução do sujeito da prática pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. *Bulletin of Physical Education*, v. 18, n. 1, p. 5–8, 1982.
- CROCHELA, E. D.; RAMOS, V. G. O ensino do futsal e o desenvolvimento da aprendizagem significativa. *Revista de Educação Física e Esporte*, v. 10, n. 2, 2020.
- CUNHA, M. I.; SILVA, M. R. da. *Educação Física escolar: práticas inclusivas*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- DALTRO, M. R.; FARIA, D. G. O relato de experiência como produção acadêmica. *Revista Docência e Ciberultura*, v. 3, n. 2, p. 97–109, 2019.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FERREIRA NETO, C. *Educação Física: raízes e caminhos*. Campinas: Papirus, 1999.
- FONSECA, V. da. *Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. Campinas: Papirus, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALATTI, L. R. et al. *Pedagogia do esporte: conceitos e aplicações*. Motriz: Revista de Educação Física, v. 20, n. 3, p. 287–299, jul./set. 2014.

GALATTI, L. R. et al. *Iniciação esportiva universal: uma proposta baseada na diversidade de experiências*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 1, p. 25–42, 2011.

GALLAHUE, D. L.; OZUMN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte, 2005.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. *Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. C. de. *Psicomotricidade: desenvolvimento e aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, R. C.; DARIDO, S. C. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física. *Motrivivência*, n. 36, p. 81–92, 2011.

PAES, R. R. Esporte e iniciação esportiva: uma abordagem multidisciplinar. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 12, n. 1, p. 11–20, 2001.

SCAGLIA, A. J. *Jogos esportivos coletivos: dos princípios aos conteúdos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SEABRA, M. L.; GALATTI, L. R. *Pedagogia do esporte: fundamentos e aplicações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

SILVA, A. R.; FARIA, D. G. O futsal como instrumento pedagógico no desenvolvimento infantil. *Movimento & Percepção*, v. 19, n. 2, p. 101–117, 2018.

TANI, G. et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 2, n. 1, p. 54–66, 1988.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.